

HERMENÊUTICA E LITERATURA: aportes para a interpretação e compreensão do mundo

Sirlene Cristófano*

Resumo

O artigo pretende conceituar Hermenêutica e mostrar como alguns filósofos nos orientam sobre o sentido, a interpretação e compreensão de qualquer texto literário; tem por objetivo apresentar a literatura infanto-juvenil e sua importância para a construção de novas ideias, nova visão de mundo e abordar a hermenêutica de Paul Ricoeur como base metodológica para a análise e compreensão deste tipo de literatura na escola.

Palavras-Chave: Hermenêutica. Literatura. Educação.

Introdução

Considerando hermenêutica como teoria ou método de interpretação, compreensão de textos, como compatibilização entre códigos de maneira a revelar seus sentidos, levantaremos uma questão fundamental para o ensino no que diz respeito à leitura de textos literários na escola: existiria um método apropriado para despertar o gosto e o interesse pela leitura e para formar pequenos leitores, proporcionando-lhes o enobrecimento do seu universo interior e, conseqüentemente, o alargamento de suas vivências e de seus conhecimentos? Haveria uma forma de aproximar o pequeno leitor do livro infantil, não apenas pela obrigatoriedade e dever destinados ao aprendizado da Língua Portuguesa, entre outras disciplinas, mas para extrair momentos de prazer e descobertas sobre si mesmo e o mundo que o cerca?

Ao refletir sobre a prática de leitura, observa-se que muitos docentes, ao dar aos alunos a oportunidades de lerem uma obra possível de identificação, pecam ao relacioná-la a ações limitantes de releitura, fechadas no sentido latente do texto.

Este fator acarreta alguns problemas, por demonstrar a falta de interesse pela atividade de leitura. Diante disto, as alternativas propostas para solucionar esses problemas não produzem resultados.

* Doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartes, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Portugal. E-mail: sirlene.cristofano@gmail.com

Todo pacto de leitura literária depende do despertar da curiosidade, do encantamento e do prazer. A contemplação da literatura resulta da satisfação em desvendá-la, o que só é ativado pelo sujeito que lê a partir do momento em que se identifique com o texto. Ao cuidar da leitura da literatura infantil como processo de identificação do leitor mirim, decorre, de parte do escritor, que respeite a natureza ímpar do pequeno leitor. Para que este se identifique, se evolva e interaja com a história, ela tem de estar adequada aos seus interesses.

No que tange ao oferecimento e ao trabalho com o livro infantil em sala de aula, a simetria entre escritor e leitor é quase sempre esquecida pelas escolas. Mesmo que o professor facilite ao leitor o acesso à obra de possível identificação, prazerosa e emancipatória, comete o engano de relacioná-la ao processo de releituras fechadas no sentido latente do texto, assim afastando a obra do contentamento, aproximando-a da obrigatoriedade e dever, privando o leitor da oportunidade de descobrir o verdadeiro prazer da leitura.

Frente a estas constatações e ao se compreender que a hermenêutica é a teoria das operações em sua relação com a interpretação de textos, apresentaremos brevemente alguns de seus princípios segundo alguns filósofos e também segundo um método de ensino de leitura da literatura infantil, que se baseia no trabalho de Paul Ricoeur, relacionando à cognição infantil e à exploração do imaginário.

De acordo com este autor, para que o leitor obtenha o prazer da leitura, necessita ter a capacidade para interpretá-la. Ricoeur defende que a melhor maneira de despertar a leitura, especificamente a infantil, é que ela deve ser condicionada não somente ao leitor mirim, mas também à literalidade da obra, de modo a garantir a participação do leitor no momento da leitura.

Abordaremos aqui a questão da leitura na escola, considerando-a como uma prática do texto literário condizente com a concepção que se tem de literatura infantil, através da exploração do imaginário do ludismo, como instaurador de uma relação saudável entre o leitor e a obra, despertando assim o gosto pela leitura.

Compreendendo e interpretando as fases da hermenêutica

De acordo com Richard Palmer, “hermenêutica”, etimologicamente, a da palavra remete ao grego *hermeneuein*, “interpretar”, ou *hermeneia*, “interpretação”. A palavra também é associada a Hermes, o deus grego mensageiro, cuja função é “transformar tudo aquilo que ultrapassa a compreensão humana em algo que essa inteligência consiga

compreender” e a quem “*os Gregos atribuíram a descoberta da linguagem e da escrita*” (PALMER, 1969, p.23).

Em seu significado técnico, hermenêutica se explica como a ciência e a arte de interpretação bíblica, que, a partir da Idade Média, fundamenta a distinção de quatro níveis de significação: literal, alegórico, tropológico e anagógico. A exegese deve permitir aos fiéis aceder a verdadeira compreensão da mensagem divina.

Sobre esta interpretação, houve notáveis diferenças através dos tempos. Por isso, há três tipos de exegese: a rabínica, a protestante e a católica.

Hermenêutica é considerada ciência porque tem normas, ou regras, e essas podem ser identificadas num sistema ordenado. Também pode ser vista como arte, porque a comunicação é flexível, conseguindo daí que uma aplicação mecânica e rígida das regras poderá alterar o verdadeiro sentido de uma comunicação.

Portanto, como a teoria da exegese bíblica permite ao leitor uma possibilidade de encontrar um sentido oculto no texto, passou a ser interpretada como metodologia filológica, isto é, uma técnica de leitura orientada para a compreensão das outras obras, como as de Homero, da Antiguidade clássica, além dos próprios textos bíblicos, buscando compreender o texto a partir de um contexto histórico. Assim, pode-se dizer que a hermenêutica passou a ser vista como uma ciência de compreensão linguística.

Segundo Ricoeur, são basicamente, duas as teorias hermenêuticas antecedentes: a filológica e a exegese bíblica. Ambas delimitam-se no essencial a um aglomerado de regras que facultam realizar a interpretação em conformidade com o conteúdo e a forma de proceder dentro da circunscrição de cada área.

A teoria filológica diz respeito à interpretação dos textos clássicos da antiguidade.

A exegese, por sua vez, se concentra especificamente nos textos sagrados do Antigo e do Novo Testamento. Até então, os textos bíblicos, por serem de inspiração divina, eram de assimilação restrita, protegidos por um aparato teórico que se restringira a capacidade de interpretação do texto sagrado, restrição que se estendia também a qualquer texto, fosse sagrado ou profano.

O teólogo protestante Friedrich Schleiermacher (1768-1834) trouxe, no início do século XIX, como questão central da hermenêutica, a **compreensão**. Com ele, ela passa a apontar todo o campo da expressão humana. A atenção se volta não apenas para o texto, mas para o seu autor. Ou seja, ler um texto é entender-se com um autor e esforçar-se por reencontrar a sua intenção; é procurar compreender um espírito por intermédio da decodificação das obras nas quais ele se exprimiu. A hermenêutica passou, então, a ser a arte de compreender. Por tal

característica, abrange duas etapas: compreensão do discurso em sua relação com a língua e compreensão do sujeito que produziu este discurso.

Antes de Schleiermacher, a hermenêutica era uma filologia de textos clássicos, basicamente um método:

O verdadeiro movimento de desregionalização começa com o esforço para se extrair um problema geral da atividade de interpretação, cada vez engajadas em textos diferentes o discernimento dessa problemática central e unitária deve-se à obra de F. Schleiermacher (RICOEUR, 1988, p. 20).

Segundo Ricoeur, é Schleiermacher quem inicia e realiza o projeto de uma hermenêutica geral (universal), buscando-lhe os alicerces, de tal modo a poder ser aplicada a qualquer obra. Conforme alguns pesquisadores do referido estudioso, é nessa reviravolta que se situa o caráter original de uma hermenêutica filosófica, contrariando os que a reduzem a pura técnica. Ainda que ela também tenha uma preocupação essencialmente técnica, de resolver o problema da interpretação e da compreensão, Ricoeur afirma que não o é exclusivamente, pois Schleiermacher descobre um aspecto propriamente filosófico. Ele, Schleiermacher (1999), fundamenta seu projeto perguntando não apenas como se interpreta tal ou tal texto, mas o que significa, de modo geral, interpretar e compreender. Pergunta pelas circunstâncias de possibilidade e/ou pelo “como” das eficácias da interpretação.

Esta forma de fundamentar, com o desejo de fundar uma hermenêutica geral, é o grande feito do hermeneuta alemão, que a desloca da área de saberes distintos e restritos, tornando-a equivalente a uma ciência que contenha os princípios fundamentais para toda e qualquer interpretação:

O verdadeiro movimento de desregionalização começa com o esforço para se extrair um problema geral da atividade de interpretação, cada vez engajadas em textos diferentes o discernimento dessa problemática central e unitária deve-se à obra de F. Schleiermacher. (RICOEUR, 1988, p.20)

O desenvolvimento da hermenêutica que antecede Schleiermacher constitui um campo de teorias diferentes, em concordância com a diversidade textual indagadora de interpretação. Foram expoentes e precursores de Schleiermacher, entre outros, Friedrich Ast e August Wolf. Estes compreendem a hermenêutica como *teorias especiais* (específicas), restritas à poesia, a textos bíblicos, etc. Para estas áreas, de fato, cabe uma hermenêutica essencialmente técnica, fundamentada na elaboração de regras para o exercício da interpretação em sua respectiva área de saber.

Com a obra do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), entretanto, a hermenêutica alcança o regulamento de um método de conhecimento especialmente apto para dar conta do facto humano, inflexível em si mesmo aos fenómenos naturais. Dilthey buscou ampliar-lhe a área, associando-a à visão histórica e tomando-a como auxiliar na compreensão da vida, ou seja, o texto a interpretar é a própria realidade humana no seu desenvolvimento histórico. Este pensador insere, com efeito, uma evidência: se nos é possível compreender o outro, é porque temos a oportunidade de imaginar a sua vida interior a partir da nossa, por uma transferência analógica.

Dilthey passou a encarar a compreensão como referência às objetivações da vida, à medida que o sujeito vive em sua dimensão histórica. Seguiu-se a hermenêutica como base para as disciplinas que tinham por objeto compreender a arte, o comportamento e a escrita humana. Seu pressuposto não era a compreensão do discurso em sua reação com a língua, mas em sua relação com a vida.

Portanto, toda manifestação da vida possui um significado expresso em forma de signo, pois só a própria vida existe em si mesma. A compreensão é um tipo particular de explicação relativa à acção humana e que não se encontra "acima" nem independe do nível causal:

[...] a noção de compreensão aplica-se exclusivamente [...] à operação de projecção através da qual o actor analisa o comportamento, a atitude ou os atos de um outro indivíduo. Neste sentido, a compreensão é sempre compreensão do ator individual. Uma acção individual pode ser compreendida; um comportamento coletivo deve ser explicado (BOUDON, 1989, p. 243).

Mais tarde, Martin Heidegger (1889-1976) propôs uma hermenêutica como fenomenologia. Tornou-a explicação fenomenológica da própria existência humana, afirmando que “*a Compreensão e a Hermenêutica são formas sábias da consciência filosófica para acesso ao mundo*” (apud STEIN, 1996, p. 240). Indicou que a compreensão e a interpretação são modos fundantes da existência humana. Compreender é ser. Heidegger escreve uma obra, *Ser e Tempo* (1964), em que a compreensão hermenêutica aparece ligada à exigência urgente de uma reposição da questão do sentido do ser.

A palavra *eksistência*, não obstante, provém do verbo latino *existere*, cuja acepção literal é “dar um passo à frente, para fora”.

Heidegger readquire o seu sentido primordial expresso no prefixo grego *ek*, equivalente ao *ex* latino, para acentuar o carácter dinâmico do ser da presença, bem como para comprovar a abertura deste ente privilegiado cuja natureza é a de persistir, estendendo-se para

fora de si. Assim, *eksistência* significa transcendência na acepção de um ultrapassamento em direção ao mundo e às oportunidades de ser da presença em um movimento espaço-temporal que lhe é próprio, o qual não se dá como um modo de atuação entre outros, mas “*como constituição fundamental deste ente, que acontece antes de qualquer comportamento*” (HEIDEGGER, 1966, p. 104). Da mesma forma, ao ser, o homem se compreende. O pensamento de Martin Heidegger, na sua obra *Ser e Tempo* (1964), ajudou a esclarecer esta questão, orientando o nosso olhar nesta empreitada.

Surgiu assim, a hermêutica da existência, que propôs o círculo hermenêutico: o homem, como ser do mundo, vislumbra, metacompreensivamente, este mundo, ao se perguntar sobre o sentido e as possibilidades do ser como elementos que o situam no contexto, no mundo.

O filósofo alemão Hans Georg Gadamer (nascido em 1900) associou-se a Heidegger e propôs uma relação entre a hermenêutica, a estética e a filosofia. Centra-se na discussão de que o método não é a única forma de se chegar a uma descoberta.

Gadamer mostra, em *Verdade e Método* (1960), que a interpretação, antes de ser um método, é a expressão de uma condição do homem: o intérprete que aborda uma obra está já determinado no horizonte aberto pela obra; é o “círculo hermenêutico”. A interpretação é, antes de mais, a explicação da relação que o intérprete estabelece com a tradição de que provém.

Portanto, "Verdade e Método" falam-nos de um acontecer da verdade no qual já estamos tomados pela tradição. Gadamer vê a possibilidade de explicitar fatologicamente esse acontecer em três esferas da tradição: o acontecer na obra de arte, o acontecer na história e o acontecer na linguagem. A hermenêutica que cuida dessa verdade não se sujeita a regras metódicas das ciências humanas; por isso ela é chamada de hermenêutica filosófica. É desse modo que Gadamer estreia um lugar para a atividade da razão, fora das disciplinas da filosofia clássica e num contexto em que a metafísica foi solucionada.

Para Gadamer, a hermenêutica deve dar conta da possibilidade de compreensão das ciências do espírito e, para isto, a tarefa da filosofia deve fundamentá-la a partir da própria finitude humana em seu contexto existencial de comunicação. Para Gadamer, a compreensão tem um carácter produtivo e não meramente reprodutivo:

O sentido de um texto ultrapassa o seu autor não apenas ocasionalmente, mas sempre. Por isso, a compreensão não é apenas um comportamento reprodutivo, mas sempre, também, um comportamento produtivo. Compreende-se de modo diferente, quando se compreende efectivamente (GADAMER, 1999, pp.301-302).

Stein (1996) apresentou um contraponto afirmando que na arte, na história e na linguagem as experiências produzidas não são de caráter lógico-semântico, porque, “além de seres biológicos, somos no mundo compreensão [...] e as ciências adquirem sua ciências no mundo, em relações aos limites das ciências naturais [...]” (STEIN, 1996, p. 241). Afirma que Gadamer estabeleceu bases sólidas para uma “hermenêutica filosófica”. Gadamer defende que a hermenêutica também aponta para sua limitação existencial, mostrando que todo conhecimento é uma (re)interpretação da tradição.

Chega-se à contribuição de Paul Ricoeur (1988), filósofo ligado à fenomenologia de Husserl e Merleau-Ponty, à filosofia existencial de Jaspers e G. Marcel e também ao personalismo de Mounier. Sua hermenêutica baseia-se na descoberta do “mundo da obra”, modelos literários não só como uma reprodução, mas como questionamento do “mundo real”. Sendo assim, a arte surge como desvelação da própria realidade.

Paul Ricoeur defende que esta idéia deve ser assumida somente após a crítica ideológica. A arte e a literatura não revelam o real de forma imediata, mas mediatizadas pela crítica. Para Ricoeur, a hermenêutica tem a tarefa de interpretar e explicar sentidos que foram produzidos através da linguagem. É preciso pressupor que qualquer discurso é uma forma de texto; por isto pode ser interpretado. Portanto, este pensador apresentou a hermenêutica como um sistema de **interpretação**.

Para ele, todo e qualquer texto se deixa interpretar, assim também como compreender através da interpretação um mundo possível. A interpretação recebe um novo sentido: “[...] *interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto*” (RICOEUR, 1988, p. 121).

Assim, a hermenêutica que se pensa é uma busca pela interpretação, pelo dizer o que ainda não foi dito e que existe em um evento, no texto ou no próprio existir. É uma forma de trazer às claras sentidos possíveis e torná-los conscientes, porque houve uma reflexão sobre eles.

Em outra obra, Ricoeur (1988) define interpretação como o trabalho de pensamento, que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido presente. Para ele, o domínio hermenêutico é o da interpretação simbólica. O símbolo refere à dupla intencionalidade da linguagem; assim, o texto pode ser analisado a partir de qualquer ângulo, mas dificilmente por todos os ângulos ao mesmo tempo. Isto define a diferença entre as interpretações: cada leitor interpreta com base em um dos ângulos, definindo sentidos que dependem deste ponto de vista e da leitura.

O termo **compreensão** é utilizado por muitos autores como sinônimo de interpretação. Para Ricoeur, explicação e compreensão não constituem os pólos de uma relação de exclusão, mas os momentos relativos de um processo complexo: a interpretação.

A questão entre explicar e compreender é, inicialmente, a de saber se as ciências, quer se trate de ciências da natureza ou de ciências do homem, constituem um conjunto contínuo, homogêneo e, finalmente, unitário, ou se entre as ciências da natureza e as ciências do homem, é preciso restabelecer uma ruptura epistemológica (RICOEUR, 1988. p. 163).

No entanto, são encontradas algumas diferenciações. Há autores defensores da idéia de que a interpretação é precedida pela compreensão. A compreensão é o estabelecimento de sentidos em acordo com as referências que o leitor já possui; já a interpretação é o trabalho de caráter analítico e reflexivo que o leitor realiza com estes sentidos. Assim, compreensão é um processo de relação entre o que se lê e o que se ouve e como é lido e ouvido: uma relação entre o discurso e o contexto, entre a propriedade do discurso e o fundamento que os leitores atribuem ao discurso.

Para Schleiermacher, a compreensão é voltar a experimentar o processo de construção do texto na perspectiva do autor e tem como pilar o que ele chama de círculo hermenêutico. O autor é protagonista de uma atitude linguística em acordo com um tempo, uma percepção alheia, que podemos significar, mas nunca reconstituí-la. “*A tarefa da Hermenêutica é essencialmente a de compreender o texto, não o autor*” (SCHLEIERMACHER, 1999, p.220). Não importa o que o autor queria afirmar, mas o que se pode afirmar sobre o que ele escreveu.

A postura de Dilthey é mais aproximada da de Schleiermacher. A compreensão não é um mero ato do pensamento, mas uma transposição e uma nova experiência do mundo tal como o captamos na experiência vivida, ou seja, “*chamamos compreensão ao processo pelo qual manifestações sensíveis dadas revelam-nos a vida psíquica mesma*” (DILTHEY, 1947, p. 333). Para ele, o homem é um ser histórico. Por sua historicidade e pela convivência, consegue atribuir sentido.

Nesta perspectiva, é preciso ver o sentido como parte de um contexto histórico. Faz-se necessário que o leitor associe seu conhecimento prévio aos sentidos que atribuiu, ao que lê, às metáforas que interpreta. Lendo, refletindo e dialogando sobre e com o texto, é possível reescrevê-lo, tornando-o significativo, em acordo com a historicidade e a vida de quem lê.

Heidegger apresenta uma visão diferente de compreensão: só existiria compreensão em acordo com o colocar-se no mundo do intérprete, pois “*a compreensão é a base de toda a interpretação e está presente em todo o ato de interpretação*” (HEIDEGGER, 1988, p. 314).

Para Gadamer, o ideal de compreensão seria não interrogar o texto, apontando-lhe questões que possam ser respondidas por seu conteúdo, mas interrogar o próprio leitor, levando a compreendê-lo e a compreender o que lê, em um processo interdependente. A compreensão da arte, por exemplo, não advém de a dividirmos metodicamente como se fosse um objeto, mas sim através de uma abertura ao ser.

Toda interpretação deve, então, ter uma aplicação no presente, ser referida por ele, trazendo algo de nossa tradição histórica para, assim, contribuir na construção do nosso presente.

Neste sentido, é preciso considerar o valor da metáfora no processo de compreensão. A metáfora é um elemento fundante do significado do texto literário. Uma metáfora diz algo de novo acerca da realidade e é um elemento a ser analisado na busca de um sentido, que só existe em acordo com a leitura que se faz. Uma das questões que se impõem é a relação imediata entre o ler e o buscar sentidos, surgindo, assim, indagações sobre o que seria estabelecer sentidos.

Deleuze (1998), que trabalha a idéia de sentido a partir da obra de Lewis Carol, *Alice no País das Maravilhas*, tece considerações sobre uma possível teoria do sentido. Sentido seria o expresso pela proposição, a linguagem em ação ao representar o real. O sentido, continua o autor, é um elemento que só ocorre na linguagem e pela linguagem. O sentido é um elemento que integra a linguagem enquanto representação e referência a um objeto. Ressalta que o sentido pode ser estabelecido só a partir do relacionamento do objeto com um elemento que já está dentro de nós.

Para falar o sentido de uma palavra (a), não temos saída senão usar outra palavra (b). Porém, para explicar o sentido da palavra (b), precisamos dispor de uma outra palavra (c), e assim numa regressão indefinida uma idéia adquirida a partir de experiência” (DELEUZE, 1998, p. 31).

Ao ler, o leitor elabora um sentido que tem como processo relacionar significações já elaboradas, suas vivências em grupo, sua história de leituras, que acontecem de maneira diferente para pessoas diferentes. Faz-se ressaltar o papel do conhecimento prévio na antecipação do que a leitura pode oferecer.

Literatura: a janela para o mundo

Ao refletirmos sobre a compreensão e interpretação de textos literários – a questão hermenêutica –, é importante também levantar algumas questões sobre a importância da literatura infantil e do trabalho desenvolvido com ela na escola. O professor precisa se tornar um poliglota, ou seja, deve conhecer as várias modalidades de linguagem, pois, segundo Proença Filho:

A Literatura é uma forma de linguagem que tem uma língua como suporte. O texto literário veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do discurso, colocado a serviço da criação artística reveladora. (PROENÇA FILHO, 2000, p. 28).

Ao falarmos em literatura infantil temos que levar em conta que literatura, sendo qualquer forma de expressão – mitos, estórias, contos, poesias – é uma das mais nobres conquistas da humanidade e, segundo Bárbara Vasconcelos de Carvalho, “*a literatura é conhecer, transmitir e comunicar a aventura de ser*” (CARVALHO, 1982, p. 9). Para a autora, é a literatura infantil que vai criar esta disponibilidade, porque ela é que é a básica e desta vêm todas, ou seja, todas as literaturas nascem da poesia e dos seus muitos sentidos e símbolos.

A literatura infantil encontra problemas em relação à definição exata de seu público-alvo e em relação à sua comercialização. Marisa Lajolo (1999) ressalta o aumento da aquisição do livro didático - nele contidos os textos literários - e isso é resultado do fato de esse material possuir as aulas preparadas, com exercícios a serem aplicados e suas respostas para o professor, tirando, assim, o trabalho e a responsabilidade da mão do educador. Ao se falar da importância da literatura infantil, têm-se como modelo as obras de Monteiro Lobato. A partir deste autor, o Brasil começa a aprender a “ler” e “escrever”; os livros começam a ser espalhados “à mão cheia”. Para um homem que amava a liberdade, essa tinha que ser a primeira providência para tornar livre um povo. Ele semeou uma semente que não morre e descobriu a sua responsabilidade (influência do que escrevia).

Lobato foi o primeiro autor brasileiro a tratar as crianças como seres pensantes, capazes de ponderar sobre “sérios assuntos”. Quebrou certos valores tradicionais bitoladores, e da encenação de que sempre se utilizaram outros autores que escreviam para crianças, modelando-as assim para uma sociedade artificial, num relacionamento falso e superficial. Depois dele, vieram muitos outros, mas Lobato foi um marco na literatura infantil, que pode ser classificada em literatura infanto-juvenil antes e depois de Lobato, pois ele é que a criou.

Ele criou uma literatura nacional, enquanto dava ao mundo uma nova literatura. Este novo tipo, voltado para o leitor mirim, é um rico material do educador, que proporciona às crianças a possibilidade de dele extraírem momentos de prazer, autoconhecimento e descoberta do mundo. O lugar da literatura na educação é o de proporcionar o enriquecimento do universo interior do educando e também o alargamento de suas vivências e de seus conhecimentos.

Toda leitura, porém, em especial a leitura de literatura infantil, depende do despertar da curiosidade, das descobertas, do prazer, da imaginação e do encantamento obtido através deste “brincar com a obra”. Assim, a contemplação da leitura resulta da satisfação em desvendá-la, interpretá-la, transportá-la para a vivência do leitor. O leitor necessita se identificar, envolver-se e interagir com a obra.

De acordo com Paul Ricoeur, o leitor, para obter a descoberta e o prazer da leitura, necessita interpretá-la. Assim, é através da hermenêutica por ele estudada e defendida, que a leitura da Literatura Infantil deve ser submetida à criança leitora e também pela literalidade da obra, proporcionando, assim, a sua participação no momento da leitura. E, através das noções do existencialismo, da fenomenologia, do estruturalismo e da psicanálise, Ricoeur defende o texto literário como o percurso ideal para a busca da interiorização humana e das verdades individuais através da interpretação. Para tal, no primeiro momento da leitura, haverá necessidade da compreensão da obra pelo leitor, pois, como ele afirma (1976), compreender não passa de uma conjectura. Segundo o filósofo, no ato de ler será desvendado um tipo de uniteralidade, o qual fundamenta o carácter conjectural inicial da interpretação.

Compreender o texto depende da condição de distanciamento entre literatura e leitor para começar o processo hermenêutico. No caso específico da literatura infantil, esta condição é agravada pela distância natural existente entre o autor e o leitor, por se tratar de dois universos diferentes: adulto e criança. É necessário que o autor (adulto) ofereça ao seu leitor (criança) um texto adequado ao universo infantil, adaptado ao seu processamento cognitivo, despertando o interesse pela leitura. Assim, o autor vai proporcionar ao leitor o avanço da leitura, permitindo-lhe a compreensão. No segundo momento, o leitor atinge a interpretação da obra enquanto discurso aplicado na escrita, pois se depara com situações novas, construídas a partir de várias autonomias que o motivam à reflexão que extrapola a literalidade e os fatos, proporcionando a resolução de seus conflitos interiores. Após essa possibilidade de autoconhecimento e conhecimento do mundo proporcionado pela literatura, o leitor se encontra no último momento do ato da leitura, que é, segundo Paul Ricoeur, a interpretação enquanto pós-compreensão, ou a tarefa de recontextualizar a obra literária e finalmente se apropriar dela.

O papel do educador, diante da grande tarefa de formar pequenos leitores, recai, então, sobre o dever de o motivar e envolver com obras literárias infantis, que sejam emancipatórias, proporcionando-lhe o contato com vários mundos possíveis. Através da compreensão da história, de fatos inéditos, mas que correspondam ao interesse da criança, ela os interpreta e absorve em seu universo infantil. O lúdico e o imaginário, estimulados pelo professor através da leitura realizada em sala de aula, despertam o interesse do educando. Assim, o incentivo à leitura, acompanhado de descoberta, prazer, interação e envolvimento, passa a deixar de ser visto como um dever, uma obrigação. A hermenêutica de Paul Ricoeur, ligada ao ludismo e ao imaginário infantil, mescla fantasia e realidade, de maneira que o leitor possa descobrir sua própria identidade, desenvolvendo seu intelecto, sua criatividade e sua capacidade de expressão dos sentimentos. O leitor, ao adaptar os sentidos apropriados do texto para sua própria realidade, através de várias leituras e interpretações de mundos, sejam estes reais ou imaginativos, transforma-os em únicas relações de subjetivação através da releitura de si mesmo.

Considerações finais

Considerando, assim, as contribuições de alguns estudiosos na área da hermenêutica, pode-se também chegar a algumas concepções de sentido, definidas por Ricoeur como “*sinônimo de significação*”, que é o processo constante de atualização do discurso. O sentido esconde-se sob as palavras e, a partir de seu desvelamento, percebe-se a realidade. Esta é a função da hermenêutica para Ricoeur: interpretar, atribuir significância a um sentido proposto e através da linguagem. O sentido se produz em acordo com o trabalho do leitor através da leitura de textos literários.

A leitura transcorre em meio à busca pelo sentido, ou seja, ler é a busca do sentido, é “entrar” no texto, percorrê-lo em seu amaranhado, tendo como guia um método composto por significados já estabelecidos, suas vivências, historicidade, leituras já realizadas, gostos e convenções. O texto pode ser analisado a partir de qualquer ângulo, mas dificilmente por todos os ângulos, ao mesmo tempo. Isto define a diferença entre as interpretações: cada leitor interpreta com base em um dos ângulos, definindo sentidos que dependem deste ponto de vista e da leitura.

A compreensão vem através de uma abertura ao ser, vem no ouvir a questão que a obra coloca. Toda interpretação deve ter uma aplicação no presente, ser referida por ele,

trazendo algo de nossa tradição histórica para contribuir na construção do nosso presente. Neste sentido, a metáfora é um elemento fundante do significado do texto literário. Uma metáfora diz algo de novo acerca da realidade e é um elemento a ser analisado na busca de um sentido, o qual se produz em acordo com o trabalho do leitor, no caso de leitura de textos literários. A leitura transcorre em meio à busca pelo sentido: ler é busca de sentido, é entrar no texto, percorrê-lo em seu emaranhado, tendo como guia um método composto por significados já estabelecidos, vivências, historicidade, leituras já realizadas, gosto, convenções.

Na literatura infantil, assim como em qualquer outra literatura, o que importa é aquilo que o leitor sente e imagina. Tudo pode acontecer dentro de nós, de nosso mundo, sem limites de tempo nem de espaço. Assim é a criança, e por isso está no momento de sintonizar com a arte literária, com a fantasia da imaginação no realismo dos símbolos e das alegorias. É no seu encontro com os textos literários que ela adquire a consciência de que a literatura é síntese de seus conhecimentos, a descoberta do mundo...

Ler e interpretar uma obra literária dá a oportunidade, a abertura a um mundo único, singular, pronto para interagir com o mundo do leitor. Para Paul Ricoeur, no confronto dos vários mundos com o mundo do leitor, a obra literária ganha a verdadeira significação da realidade da vida do leitor. Através do real e da ficção, o leitor projeta-se na narrativa que, prossegue o autor, é a resposta de uma transcendência imanente ao texto, que só se concretiza mediante o ato da leitura. Assim, o leitor se lê no texto e não apenas o lê.

HERMENEUTIC AND LITERATURE: contribution for the interpretation and understanding of the world

Abstract

We will try to conceptualize Hermeneutic and to show how some philosophers orientate us on the sense of interpretation and understanding of any text; we will present the children's literature and their importance for the construction of new ideas and also we will board the Hermeneutic of the Paul Ricoeur like methodical base for the analysis and understanding of this type of literature in the school.

Keywords: Hermeneutic. Childish literature. Education.

Referências

- BOUDON, Raymond. Explication, Interpretation, Idéologie. In: *Encyclopédie Philosophique Universelle*. Vol I: *L'Univers Philosophique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *Literatura Infantil*. São Paulo: Ed.Lotus, 1982.
- DELEUZE, Gilles. [1969]. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DILTHEY, Wilhelm Guillermo. Origines et développement de l'herméneutique. In: *Le monde de l'esprit*. Tome Premier. Paris: Aubier Editions Montaigne, 1947.
- GADAMER, Hans-Georg, *Wahrheit und Methode (Gesammelte Werke, Bd. I)*, Tubingen: J. C.B. Mohr, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *L'être et le temps*. Trad. R. Boehm e A. de Waelhens. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. Sobre a Essência do Fundamento. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução: Ernildo Stein. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1966.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- PALMER, Richard – *Hermenêutica*. Edições 70. Lisboa/Portugal: 1969.
- PROENÇA FILHO, Domício. *A Linguagem literária – Série princípios*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 2000.
- RICOUER, Paul. *Interpretação e Ideologias*. Rio de Janeiro: Forense, 1988
- _____. *Le Discours de l'Action*, in: TIFFENEAU, Dorian (org.). *La Sémantique de l'Action*. Paris: CNRS, 1977.
- _____. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: 70, 1976.
- SCHLEIERMACHER F. D. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- STEIN E. *Aproximação sobre Hermenêutica*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

Recebido em: 18/03/2009

Aprovado em: 22/04/2009